



**CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

SUZANA BALBINO DA SILVA

**UMA BREVE HISTÓRIA DO CORPO FEMININO *PLUS SIZE* EM ALEXANDRISMOS:
UM ESTUDO DE CASO DE 2018 ATÉ 2019**

**GUARABIRA - PB
2019**

SUZANA BALBINO DA SILVA

**UMA BREVE HISTÓRIA DO CORPO FEMININO *PLUS SIZE* EM ALEXANDRISMOS:
UM ESTUDO DE CASO DE 2018 ATÉ 2019**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciado em História.

Área de concentração:

Historiografia, Literatura e Mídia.

Orientador: Prof.^o Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima.

GUARABIRA - PB
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586b Silva, Suzana Balbino da.
Uma breve história do corpo feminino Plus size em alexandrismo: [manuscrito] : um estudo de caso de 2018 até 2019 / Suzana Balbino da Silva. - 2019.
33 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. Corpo Feminino. 2. Plus size. 3. Representação do corpo. I. Título
21. ed. CDD 305.42

SUZANA BALBINO DA SILVA

**UMA BREVE HISTÓRIA DO CORPO FEMININO *PLUS SIZE* EM ALEXANDRISMOS:
UM ESTUDO DE CASO DE 2018 ATÉ 2019**

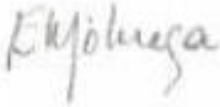
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História. Área de concentração: Historiografia, Literatura e Mídia.

Aprovada em: 19/06/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira da Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Alômia Abrantes da Silva (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Elisa Mariana Medeiros Nóbrega (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUARABIRA/PB
2019

Dedico este trabalho ao meu filho e aos meus familiares, que sempre estiveram presentes nas dificuldades, representando baluartes na minha vida e a minha eterna professora Marisa Tayra (in memoriam), pelos ensinamentos e dedicação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sem Ele nada sou, nada realizo;

Ao meu orientador, pelas dicas valiosas e pela paciência com minhas inseguranças;

Aos meus familiares, que me incentivaram para chegar até aqui;

A todos que de alguma forma me ajudaram na conclusão desse curso.

Dentre os sentidos atribuídos a identidade do sujeito pode-se dizer que no mundo presente um lança-se a frente com uma força ainda não vista antes na história: o corpo..

(ABRANTES, 2017, p. 1)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Visualizações de Alexandrismos, abril 2019.....	25
Figura 2 – Reprodução de piada feita por Danilo Gentili.....	26
Figura 3 – Vídeo Representatividade Gorda.....	29
Figura 4 – Foto de Alexandra Gurgel.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO NA HISTÓRIA.....	14
2.1 Representações do corpo feminino na história.....	19
3 O CORPO FEMININO <i>PLUS SIZE</i>: REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO NÃO-PADRÃO.....	22
3.1 movimento <i>body positive</i> e Alexandra Gurgel.....	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

UMA BREVE HISTÓRIA DO CORPO FEMININO *PLUS SIZE* EM ALEXANDRISMOS: UM ESTUDO DE CASO DE 2018 ATÉ 2019

A BRIEF HISTORY OF THE PLUS SIZE FEMALE BODY IN ALEXANDRISMS: A CASE STUDY 2018 UNTIL 2019

Suzana Balbino da Silva*
Prof^a Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima**

RESUMO

Este estudo parte da indagação feita sobre como se construiu parte da imagem que permitiu a atual concepção do corpo feminino *plus size* na atualidade. Seu objetivo geral procurou responder à problemática exposta e, para tanto, tratou de compreender a base histórica que permitiu a atual concepção do corpo feminino *plus size* como representação social. No sentido de alcançar tal finalidade, procedeu-se à um recorte histórico sobre a compreensão do corpo dentro da sociedade; a uma identificação das representações do corpo feminino no decorrer da História e; enfim a uma categorizada representação contemporânea do corpo feminino gordo nos relatos de Alexandra Gurgel e do movimento *body positive*. Como linha metodológica, o estudo buscou se pautar na pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, tendo como fontes artigos, livros e dissertações de diversas áreas do conhecimento. Os resultados demonstram que, ao longo da história, o corpo feminino sofreu diversas representações, embora em sua maior parte tenha sido observado e compreendido pelo aspecto da maternidade. Os resultados também informam que, no séc. XXI, as concepções e representações sobre o corpo têm sido diversas e, dentre elas, emerge nos estudos contemporâneos a análise e a história das minorias, dos silenciados e dos invisíveis. É aí que o corpo gordo feminino transcende do universo privado e ganha a comunicação midiática, tendo em Alexandra Gurgel seu porta voz mais atuante. O estudo traça um perfil desse novo cenário e do discurso que trata do tema e informa, como um dos resultados obtidos, que Alexandra Gurgel, no seu canal Alexandrismos, surge como uma das representantes mais atuantes do movimento *body positive* no Brasil, desenvolve um discurso de empoderamento feminino, de autoestima e de valorização do corpo sem cair na armadilha do radicalismo ou do modismo, mas sim lançando um convite à reflexão sobre como a história presente se encontra intersecções com histórias passadas, a exemplo da própria discussão que terço em seu videolog e em seu livro ao tratar do tema dos corpos marginalizados.

Palavras-chave: Corpo Feminino. Plus Size. Representação.

ABSTRACT

This study starts from the question asked about how the historical basis was built that allowed the current conception of the female plus size body at the present time. Its

* Acadêmica do Curso de História, da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: suzana93403998@gmail.com>

**Doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba. Professor-Orientador do Departamento de História pela Universidade Estadual da Paraíba.

general objective sought to respond to the exposed problem and, to this end, sought to understand the historical basis that allowed the current conception of the female body plus size as a social representation. In order to achieve this purpose, a historical cut has been made on the understanding of the body within society; to an identification of the representations of the feminine body in the course of History and; finally to a categorization of the contemporary representation of the fat female body in the reports of Alexandra Gurgel and the body positive movement. As a methodological line, the study sought to guide bibliographic research of a qualitative nature, having as sources articles, books and dissertations from several areas of knowledge. The results demonstrate that, throughout history, the female body has undergone several representations, although for the most part it has been observed and understood by the aspect of motherhood. The results also inform that in the century. XXI, the conceptions and representations about the body have been diverse and, among them, the analysis and history of the minorities, the silenced and the invisible ones emerges in contemporary studies. The study draws a profile of this new scenario and of the discourse that deals with the theme and reports, as one of the results obtained, that Alexandra Gurgel, on its Alexandrismos channel, it appears as most active representatives of the positive body movement in Brazil, develops a discourse of feminine empowerment, self-esteem and of valorization of the body without falling into the trap of radicalism or modism, but rather calling for reflection on how present history intersects with past histories, like the discussion itself in its videolog and in its book dealing with subject of marginalized bodies.

Keywords: Female Body. Plus Size. Representation.

1 INTRODUÇÃO

Lançado em 2015, o canal “Alexandrismos”, criado e comandado pela jornalista Alexandra Gurgel, tem como proposta discutir temas relacionados ao bem-estar da pessoa gorda, refletindo a respeito de autoestima, preconceito, invisibilidade, qualidade de vida e tantos outros relacionados.

Entretanto, entende-se que o canal ganhou maior atenção a partir de 2018 quando foi veiculada uma reportagem sobre gordofobia e a mentora do canal foi entrevistada, alcançando um público que até então não a conhecia. Somado a isso, no período imediatamente seguinte, estabeleceu-se uma polêmica na mídia digital, quando o humorista e apresentador de TV, Danilo Gentili, faz referência à Alexandra Gurgel quando insinua ter comido exageradamente; fato que foi repercutido em diversas instâncias midiáticas, inclusive no próprio canal “Alexandrismos”.

Esse cenário de reflexões, narrativas autobiográficas, posicionamentos preconceitos, sentimentos, angústias, repressões, libertações e discussões sobre o corpo, compõem um emaranhado de notações e conotações que compõe o corpus desse estudo.

O corpo, enquanto objeto de discurso e estudos de gênero, tem assumido representações diversas ao longo da história, ora sob a perspectiva médica, religiosa ora sob o viés da cultura, dos costumes, das artes, da estética. Assim, de acordo com as normas e padrões sociais estabelecidos em diversas épocas e pelas mais diversas sociedades que se alternaram no caminhar histórico da humanidade, o corpo se constituiu como uma construção passível de um olhar diversificado, isto é, de uma

leitura sobre si que pode auxiliar na compreensão da própria história do homem sob diversas perspectivas.

Nesse leque de possibilidades, o corpo feminino se destaca pela forma que é descrito nos estudos que se debruçam sobre o assunto, ou seja, nas pesquisas que tiveram como foco a arte, a antropologia, a cultura, a moda, a sociologia, a saúde e, como a exemplo desse trabalho, a história. Todas essas áreas do conhecimento estudaram e estudam o corpo, seja sob o aspecto físico seja sob aspectos peculiares a cada área, indo além das “dimensões físicas, para construções culturais, políticas e simbólicas”, conforme aponta Sant’Anna (2013, p.17).

Ainda sob o recorte do corpo feminino, mais um tema emerge: a imposição de uma estética e de uma beleza apoiadas em padrões estabelecidos que tiveram, a partir de meados do século XX, uma profusão de disseminadores ávidos por um ideal de mulher que correspondesse ao protótipo da perfeição. Tais disseminadores partiram da indústria do cinema, da moda e da cosmetologia que, aliados a elementos vinculados ao capitalismo e ao consumismo, ao esporte, ao mercado de trabalho, passaram a divulgar a beleza humana a partir de uma silhueta esbelta e magra, restringindo, portanto, o corpo a um ideal de beleza física moldado em dietas, cosméticos e ginásticas.

Para Andrade (2003), esse discurso do corpo ideal, durante o século XX, acarretou por muito tempo, busca por produtos light e diet, por dietas e por modelagens estéticas apoiadas na boa forma. A magreza “[...] foi-se impondo como norma, e a gordura teve de ser queimada, derretida, apontando a necessidade de adaptar-se, ser flexível e acompanhar a precisão de reajuste do corpo” (ANDRADE, 2003, p. 129).

Partindo desse cenário, é possível afirmar que o corpo em situação de sobrepeso passa ao estado de exclusão, de invisibilidade. A exigência do corpo magro passa a impor à mulher a busca pelo o que é ditado como padrão de beleza, sendo sua não observância um ato de negligência, preguiça e desleixo. É nesse cenário de exclusão e discriminação que surge, também no mundo das artes, da cultura e da moda a concepção *plus size*. A expressão inglesa, surgida no final da década de 1970, foi utilizada para divulgação de modelos de roupas acima do manequim 44 (GG) em revistas internacionais.

Segundo Silva (2015), no ano de 1979 aconteceu o lançamento da primeira revista americana de moda e estilo para o público feminino que apresentava sobrepeso, a *Big Beautiful Woman*, criada por Carole Shaw. Entretanto, a expressão só ganhou notoriedade a partir do ano de 2008 com a repercussão do concurso americano: *Americanas next top model* que teve como ganhadora a modelo Whitney Thompson, cujo corpo era acima do peso.

Invisível socialmente em algumas narrativas, como percebido na sociedade grega; submisso, estigmatizado ou atrelado a condição sexual, em outras; ou, mais recentemente, símbolo de empoderamento e luta, o corpo feminino transcende do papel estigmatizado a ele imposto nas sociedades ulteriores, e evoca na contemporaneidade um olhar cuidadoso, uma perspectiva visível. Não imposto, mas aceito, natural, individual, passível de ser amado em suas peculiaridades e representativo do ser como parte da sociedade, sujeito e objeto de amor, como bem coloca os pensadores do movimento *Body Positive* (Positividade Corporal)

Feitas essas considerações iniciais, constitui problema de pesquisa: como se construiu a base histórica que permitiu a atual concepção do corpo feminino *plus size* na atualidade? Em vista dessa problemática, o presente estudo tem por objetivo geral compreender a base histórica que permitiu a atual concepção do corpo feminino *plus*

size como representação social. Para tanto, constituem objetivos específicos: apresentar o recorte histórico sobre a compreensão do corpo dentro da sociedade; identificar as representações do corpo feminino no decorrer da História e; categorizar a representação contemporânea do corpo feminino gordo nos relatos de Alexandra Gurgel. O estudo apresenta na primeira seção uma contextualização histórica, social e cultural do corpo, apresentando as diversas perspectivas assumidas na trajetória do ser humano.

Na segunda seção do desenvolvimento, lançou-se um olhar sobre o corpo feminino gordo e sua representação midiática que o denominou como *plus size*. Nesse momento, passou-se a discutir o tema que originou o presente trabalho: o movimento *body positive* e sua ativista Alexandra Gurgel. Nessa seção discute-se a representação do corpo feminino gordo pelo olhar de Gurgel, que tem em sua história de vida um espelhamento do estigma, do rótulo e do preconceito sofridos por aqueles que não se guiam pelos padrões estéticos e ditos socialmente aceitos. A seção apresenta como Alexandra Gurgel reflete e ilustra como a construção social do corpo feminino ainda provoca desdobramentos nas esferas pública e privada na contemporaneidade. Enfim, procedeu-se às considerações finais, referenciando-se o trabalho.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO NA HISTÓRIA

Considerar uma história do corpo requer uma compreensão prévia que essa história encontra perspectivas diversas: sociais, políticas, públicas, privadas, íntimas, sexuais, artísticas, biológicas, culturais, entre outras. Tais perspectivas se fundam em uma variedade de documentos e estudos teóricos e críticos que ilustram, informam e contribuem, em síntese, para a historiografia e para a formação de uma base epistemológica para análises e pesquisas diversas, pois, conforme adverte Goellner (2012, p. 29):

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais que um conjunto de músculos, osso, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nesse se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas.

Como se percebe na citação apresentada, a história do corpo transcende o olhar puramente biológico para perpassar uma gama de significados e leituras. Nesse sentido, ao iniciar o presente estudo, nada mais coerente que apresentar, mesmo que sucintamente, um aporte teórico sobre a história do corpo e, mais adiante e especificamente, a história do corpo feminino, considerando as concepções mais relevantes para o objetivo que se pretende alcançar nesse estudo.

Sobre isso, faz-se importante destacar a lição de Arasse (2008), em seu ensaio *A carne, a graça, o sublime*, ao afirmar que a história do corpo não se opõe às outras formas de análise histórica, haja vista que sua construção se deu pelos mesmo atores que produziram outros tipos de documentos que permitiram outras e distintas construções históricas. Para o pesquisador, uma das ferramentas importantes para os pesquisadores do tema é a linguagem plástica da arte e da motricidade humana cujas

representações do corpo humano remontam a Antiguidade, quer a nível da escultura quer da pintura e quando é possível encontrar o homem real, com as suas características e até mesmo representado por temas diversos como o envelhecimento e disfunções anatômicas (ARASSE, 2008).

O estudo do corpo e sua leitura nos períodos históricos têm possibilitado diversas compreensões e representações sobre o tema. De acordo com Barbosa e Costa (2011), a na Grécia antiga, o corpo era idealizado, treinado, modelado e produzido a partir de exercícios físicos e meditações em função do seu aprimoramento para glorificação e interesse do Estado.

O corpo nu é objecto de admiração, a expressão e a exibição de um corpo nu representava a sua saúde e os Gregos apreciavam a beleza de um corpo saudável e bem proporcionado. O corpo era valorizado pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade. Para os gregos, cada idade tinha a sua própria beleza e o estético, o físico e o intelecto faziam parte de uma busca para a perfeição, sendo que o corpo belo era tão importante quanto uma mente brilhante (BARBOSA; COSTA, 2011, p. 25).

Esse culto ao corpo esteticamente modelado definia a classe e a posição social dos habitantes locais, sendo a nudez uma forma de distinção da posição de cada um na sociedade, além de reforçar a masculinidade e a cidadania dos gregos, conforme descreve Sennet (2003, p. 30):

[...] os líderes dos jovens guerreiros eram retratados e descritos quase nus, empunhando lanças e protegidos apenas por peças de metal que lhes cobriam as mãos. Os mais jovens costumavam envolver-se em lutas esportivas, sempre despidos e sem tentar ferir o oponente; nas ruas e em lugares públicos, os homens trajavam roupas largas que expunham seus corpos livremente. [...] entre os antigos gregos o corpo desnudado mostrava quem era civilizado, permitindo também que se distinguisse os fortes dos vulneráveis. A Grécia civilizada fez do seu corpo exposto um objeto de admiração.

É importante destacar que na sociedade grega tanto escravos quanto mulheres eram sujeitos sociais invisíveis. Os prazeres, a glória e a admiração pertenciam apenas aos cidadãos livres, excluindo-se tanto os escravos como as mulheres. Às mulheres, segundo Barbosa e Costa (2011), cabia cumprir funções como obediência e fidelidade aos seus pais e maridos e cumprir, no caso das mulheres, a função reprodutiva. Neste último caso, gerando filhos para fortalecer o exército. Não se incluíam, portanto, na concepção de corpo perfeito, este ideal era apenas masculino. Entretanto, não se pode perder de vista que, culturalmente, o corpo grego tornou-se uma referência de beleza estética masculina e feminina para a modernidade, conforme será aprofundado mais adiante.

Para os romanos, o corpo não mais era um símbolo a ser exposto, embora tenham acolhido as formas artísticas gregas para a representação artística da beleza do homem romano. Para Barbosa e Costa (2011, p. 26), as representações do corpo humano “[...] adquiriram maior dramaticidade, evidenciando um contraste entre o nu e o vestido, a vida e a morte, a força e a debilidade física”, potencializando questões espirituais e religiosas.

Sob a perspectiva da religiosidade, foi com o advento do cristianismo, em Roma antiga, que ao corpo aliou-se um novo valor: a dor. De acordo com Sennet (2003),

lidar com a dor, sob a concepção do cristianismo talvez tenha se tornado mais importante do que sentir prazer. Assim, segundo a lição ensinada por Cristo, “[...] na vida terrena, o dever do cristão revelava-se pela transcendência de toda estimulação física; indiferente ao corpo, crescia a sua expectativa de chegar mais perto de Deus” (SENNET, 2003, p. 110).

Sobre esse tema, também Barbosa e Costa (2011) reforçam o vínculo estabelecido entre o corpo e a dor como modo de transcendência espiritual, ao afirmar que o cristianismo reforçou a ideia de dor física com valor espiritual, ou seja, de corpo sofredor glorificado no corpo sofredor de Cristo. Assim, “[...] a lição divulgada era a morte de Cristo, o lidar bem com a dor do corpo, que seria mais importante do que saber lidar com os prazeres (BARBOSA; COSTA, 2011, p. 26). Tal lição manifestou-se popularmente nos movimentos de flagelação e estigmas corporais. Le Goff e Truong (2006) sintetizam esse processo por meio de duas perspectivas antagônicas: “No paganismo dos gregos e dos romanos, o culto do corpo e a liberdade sexual. No cristianismo, a castidade, a abstinência e a busca doentia da virgindade” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p.48).

Tal premissa exerceu forte influência na Idade Média, período em que a preocupação estética e física com o corpo remetia ao pecado e afronta aos dogmas divinos. É durante a Idade Média que o cristianismo institucionalizado na Igreja Católica, transforma o pecado original da desobediência, da curiosidade e do orgulho, que expulsa Adão e Eva do Paraíso, em um pecado sexual introduzindo as premissas que permitiram a diabolização do sexo, do corpo (carne) e da mulher. Essa diabolização fomentou a ideia dos pecados capitais como ofensas a Deus (LE GOFF; TRUONG, 2006).

De acordo com as pesquisas efetuadas por Barbosa et al (2011), a diabolização da mulher partia da ideia central que o demônio procurava fazer mal aos homens para se apropriar das suas almas. Para tanto, o demônio apropriava-se do corpo feminino e por meio do sexo apropriava-se do corpo e depois da alma do homem.

Como as mulheres estão ligadas essencialmente à sexualidade, e “porque nasceram de uma costela de Adão”, nenhuma mulher poderia ser correcta, elas tornavam-se ‘agentes do demônio’ (feiticeiras). De facto, os processos inquisicionais sobre acusações de bruxaria enfocavam, principalmente, os corpos das bruxas: elas eram despidas, os cabelos e pêlos eram rapados e todo o corpo era examinado à procura de um sinal que as pudesse comprometer (BARBOSA et al, 2011, p. 27).

Por outro lado, não se pode perder de vista que muitas mulheres acompanharam a normatização, a imposição e regramento do corpo, recusando os prazeres e divertimentos, despojando-se de vaidades e optando por uma vida modesta como freiras em conventos ou adotando uma vida similar em casa (GÉLIS, 2008).

Importa destacar, ainda, que o pecado do corpo não se limitava apenas à sexualidade, mas também aos excessos cometidos pelo homem. A luxúria, a gula (em francês *gourmandise*) e a embriaguez também constituíam pecados do corpo, de forma que, constituíam elementos de igual valoração ao pecado da carne. Foi nesse sentido que a moral cristã buscou educar, adestrar ou civilizar o corpo do homem medieval em todos os domínios da vida, isto é, tanto social quanto privada.

Entretanto, paralelamente ao discurso cristão de corpo associado ao pecado, perduraram práticas pagãs que se enriqueceram no meio rural, especialmente. Tais

práticas se opunham à moral cristã e se materializavam em banquetes, festas do Carnaval burlesco e danças: práticas culturais dionisíacas que se instalaram no século XII e culminaram no século XII, já nas cidades. Consideradas obscenas pelo clero, a festa carnavalesca era o próprio “[...] banquete, a exaltação do burlesco, da boa carne” eram comemorações de “[...] corpos liberados nessas intermináveis festas da boca e da carne” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 60).

Pode-se afirmar que o corpo, durante o período da Idade Média, foi alvo de representações diversas: da humilhação do corpo feminino ou do corpo obeso à veneração do corpo masculino, do corpo magro; da oposição entre a igualdade e a desigualdade; da coação resultante dos dogmas cristãos e à liberdade exercida nos banquetes e festejos mundanos; do público e do privado. É nesse contexto que a história do corpo feminino se desenvolve, entre representações diversas de gêneros, de beleza, de estética, de comportamentos e de identidades. Enfim, um corpo duplo e inconstante, como aquele que o habita e que suscita um duplo movimento de enobrecimento e de menosprezo, de pecado e de sagrado, conforme declara Gélis (2008).

No domínio das representações do corpo ao longo da história, é a partir da renascença, século XVI, que as percepções do corpo passam a deslocar-se do paradoxo entre o sagrado e o pecado para perspectiva da fisionomia humana e, mais adiante ao sentimento de pertencimento a um grupo social. De acordo com Courtine (2008), ao longo do período renascentista o desenvolvimento da razão acompanhou o desenvolvimento da ciência e suas descobertas, acompanhou os estudos e as teorias sobre o corpo.

Aresse (2008) esclarece que, por volta do século XVI há um crescente interesse pela anatomia humana, fato que irá proporcionar o conhecimento de novas estruturas do corpo humano e das doenças. O aparecimento da imprensa proporcionou a acessibilidade e a difusão dos conhecimentos sobre o corpo, assim como das ilustrações de suas partes e órgãos, lançando novas teorias e confirmando pressupostos colhidos do conhecimento da antiguidade ou refutando-os. Essa nova perspectiva tende a libertar o corpo da perspectiva puramente metafísica e sobrenatural para observá-lo como biologicamente e, posteriormente atizar a curiosidade sobre o próprio homem e alimentar publicações de ficção, ou não, que tivessem o corpo como tema.

Ainda no âmbito da representatividade, o corpo assumiu a conotação de um sistema de comando hierárquico cujo funcionamento se assemelhava ao corpo social. Ilustra essa assertiva a criação da expressão política “corpo do reino” para acentuar a autoridade do rei sobre os clérigos e demais atores sociais e para contrapor ao corpo de Cristo em um claro paralelo entre a comunidade social e política do reino e a comunidade de fiéis. Assim, a imagem física do rei é a própria representação do Estado. “[...] a túnica jacinto, a capa, o anel, o cetro, a mão de justiça, a coroa reúnem num mesmo momento e num mesmo corpo o que tem de valor coletivo mais visualmente” (GÉLIS, 2008).

Importa destacar que, na Renascença, essa valorização do corpo passa emprestar-lhe o status de perfeição e de beleza, haja vista que, na linha dos pensadores e teóricos desse período, as proporções do corpo refletiam a harmonia da criação divina e o vínculo entre o homem e o universo: Do século XVI ao século XVIII, a figura do corpo humano bem proporcionado, seja masculino ou feminino, é uma figura geométrica cujo efeito de demonstração se baseia no desenho e na precisão do traço (ARESSE, 2008, p. 553).

O corpo masculino passa a tornar-se dono de si mesmo, o homem é seu senhor e perpetua sua soberania em seus filhos, extensões do corpo masculino, da sua linhagem, da sua família e por isso deve ser preservado e cuidado. Em se tratando do corpo feminino, Aresse (2008) esclarece que a perfeição do corpo da mulher se devia à

[...] corpulência moderada, carne sólida, firme e branca, cor de um vermelho pálido, como a cor que resulta da mistura do leite com o sangue, ou de uma mistura de lírio com rosa; rosto gracioso, sem rugas, carnudo, bem feito, branco como a neve, sem pelo. [...] a pele do ventre não deve ser flácida, nem o ventre caído, mas macio e de um contorno suave e fluente desde a maior saliência até o baixo ventre. As nádegas redondas, carnudas, de um branco níveo, firmes e arrebitadas, de modo algum caídas. A coxa grossa, o joelho carnudo e redondo[...] (ARESSE, 2008, p; 554).

Percebe-se, na citação apresentada, a representação estética do corpo no feminino, representação que foge às descrições do corpo puramente biológico ou do corpo atlético do homem, fruto da atividade física. Essa representação estética e plástica do corpo feminino explora o erotismo advindo da beleza e da robustez do ideal do corpo feminino para a sociedade da época, embora o corpo feminino ainda estivesse atrelado à ideia de maternidade.

Esse novo olhar sobre o corpo promoveu mudanças pontuais no comportamento entre homens e mulheres, no modo de a mulher se vestir, de se comportar, de pensar e de refletir sobre si e sobre seu corpo, como representação de si mesmo e como elemento de pertença a um grupo civilizado, contrapondo-se à representação do corpo medieval.

É importante destacar que, de acordo com Courtine (2009, p.21), até o final do século XIX o corpo tinha apenas um papel secundário nas investigações de caráter social, sendo sua morfologia objeto de estudo na área biológica e social. Foi nesse momento histórico que os estudos científicos buscaram diferenciar as populações por meio de critérios biológicos; na sociologia, o corpo conotava as condições degradantes do trabalho nas fábricas, sendo objeto de estudo em análises históricas posteriores, especialmente após o advento da Escola de Annales. Entretanto, na virada do século XX, “[...] a relação entre o sujeito e o seu corpo começou a ser definida em outros termos”, rompendo-se a linha limite entre corpo e espírito, restaurando e aprofundando “[...] a questão da carne, isto é, do corpo animado” (COURTINE, 2009, p.21).

Dessa maneira, foi a partir do século XX que o corpo passou a ser objeto da investigação teórica e a inserir-se nas formas sociais da cultura. Foi a partir de então que o corpo foi desnudado íntima e sexualmente; foi exposto e legitimado, desejado e disciplinado, especialmente na primeira metade do século XX. Em tempos contemporâneos, o corpo vem expressando todas as formas de embates e “[...] posições sociais que são classificadas por intermédio da relação que os indivíduos possuem com sua imagem corporal (BITTENCOURT; FRANCH, 2017, p. 16).

É, pois, enquanto objeto de investigação, expressão e reflexão que o corpo pode ser desnudado e dissertado. No caso desse estudo, mais precisamente, tem-se a reflexão sobre o corpo feminino que foge aos padrões estéticos de beleza e associada à magreza. Para tanto, segue a análise das representações do corpo feminino na história social.

2.1 Representações do corpo feminino na história

A história do corpo feminino é também a história de uma dominação na qual os simples critérios da estética já são reveladores: a exigência tradicional por uma beleza sempre pudica, virginal e vigiada, impôs-se por muito tempo, antes que se afirmassem libertações decisivas repercutidas nas formas e nos perfis, movimentos mais aceitos, sorrisos mais expansivos, corpos mais desnudos. “A história do corpo, em outras palavras, não poderia escapar à história dos modelos de gêneros e das identidades” (CORBIN et al, 2008, p. 13).

As representações do corpo feminino, ao longo da história, assumem significados ligados ao papel exercido pela mulher no seio da sociedade na qual fazia parte. De acordo com Aresse (2008), tais representações foram analisadas pela história da arte que refletiu sobre suas partes e suas práticas. Assim, as imagens artísticas somadas aos textos escritos permitiram a elaboração de uma história do corpo e, especificamente sobre a representação do corpo feminino.

Na antiguidade, o corpo feminino era a representação da maternidade e da valorização exacerbada de sua finalidade que era a da perpetuação da espécie em outro cenário, eram oferecidas ou tomadas de suas famílias para consagração da deusa Vesta, deusa da chama que simbolizava o Estado romano.

Ferreira (2001) esclarece que, as meninas, filhas mais novas de uma família, tornavam-se vestais e entregavam sua infância e juventude a serviço do templo, caso fossem escolhidas pelo pontífice máximo, guardião do *fas* e *ius*, direito religioso e civil. A função das vestais era manter aceso o fogo santo de Vesta. As vestais, segundo Ferreira (2001), apesar de possuírem o carisma das sacerdotisas e o poder de vida e morte sobre o cidadão comum, o prestígio que ocupavam era apenas decorativo:

[...] na realidade eram frágeis prisioneiras. Retiradas do convívio familiar desde a menoridade (entre seis e 10 anos), viviam no *Atrium Vestae*, semelhante a um monastério e situado entre o templo da deusa e o apartamento oficial do pontífice máximo, o qual não passava de uma clausura. Sob severa vigilância dos adultos, tinham de zelar pela tocha sagrada, confeccionar material necessário às penitências e sacrifícios, moer e estocar cereais, preparar os alimentos e cuidar da limpeza e dos objetos do santuário. Se porventura faltassem às obrigações, eram espancadas.

Além disso, dedicavam 30 anos de suas existências ao ofício para o qual foram designadas independentemente de suas vontades, distribuídos em 10 anos de instrução, 10 anos de prática e mais 10 de professorado.

O corpo feminino, na Idade Média, é representado pelo viés da subordinação, fraco espiritualmente e fisicamente. De acordo com Le Goff e Truong (2006, p. 52) “[...] ela é submetida ao homem e deve sempre estar pronta para servi-lo. Segunda e secundária, a mulher não é nem o equilíbrio nem a completude do homem. [...] o homem está em cima”.

Na Idade Média, momento histórico em que se acreditava na fraqueza física da mulher, seu papel continua vinculado a maternidade, porém o objetivo era dar continuidade à raça humana tendo como instrumento seus órgãos sexuais. De maneira que conotava a função sagrada das mulheres no corpo social medieval que era ser mãe. A representação do corpo feminino no papel de mãe que deve gerar filhos continuamente até a morte parte da perspectiva de condenação bíblica (pecado

de Eva), constituindo-se em momentos trágicos da vida das mulheres (BOCARDI, 2004).

Essa representação desfavorável da mulher tem sua origem na compreensão repetidamente retomada pelo cristianismo que a mulher é ser secundário, agente maléfico do pecado original convertido na ideia de pecado sexual; o corpo feminino, a carne, sob a perspectiva cristã medieval é o receptáculo do demônio e o vetor que utiliza o sexo para inflamar no corpo masculino os mais diversos pecados, levando-o a transgressão da própria alma. Le Goff e Truong (2006, p. 53) resumem essa compreensão: “O ser humano é, portanto, cindido: a parte superior (a razão e o espírito) está do lado masculino, a parte inferior (o corpo, a carne), do lado feminino”.

Como se percebe, o corpo feminino, alçado à condição de inferioridade, ora como bruxa ora como mãe (reprodutora), é representado na sua imperfeição e na sua fraqueza. Nesse último caso, a própria Igreja católica formaliza um ideal feminino em seu discurso: o da esposa e da mãe que, seguindo a imagem da Virgem Maria, deveria ser a guardiã da fé dentro da família.

No Renascimento, a subordinação e a maternidade continuaram a ser associados ao feminino, embora despojado do caráter sagrado, o que condicionou o corpo feminino a desempenhar apenas o papel da procriação. Segundo Vaquinhas (2012, p. 242), nessa época, o ideal de beleza seguia “[...] formas opulentas, de forte cunho maternal”, haja vista que o corpo gordo era percebido como sinal de saúde, de beleza e de status social, uma vez que só as pessoas ricas tinham a possibilidade de se alimentar de pratos ricos em gordura.

É importante destacar que o corpo feminino nessa época foi admirado por sua beleza, mas a importância da mulher não foi reconhecida no seio da sociedade, conforme expõe Vaquinhas (2012):

O discurso dominante oitocentista exalta o papel da mulher como mãe de família, ao mesmo tempo que o progresso científico valoriza a maternidade como destino biológico, enquadrando-a numa ‘eterna natureza feminina’, fixa, imutável e universal. [...] o sexo feminino é definido pela sua aptidão para a maternidade, caracterizando-se, em termos físicos e morais, pela fragilidade e pela sensibilidade: as mulheres são ‘eternas doentes pela sua fisiologia’ (VAQUINHAS, 2012, p. 244).

No século XIX os corpos femininos foram modelados por espartilhos que tornavam as cinturas finíssimas, e ajustavam o corpo feminino à uma postura austera e em conformidade aos costumes da época que exigiam da mulher, especialmente da alta sociedade, delicadeza, sensibilidade e austeridade. O uso dos espartilhos garantia, assim, uma postura altiva e relacionada com os predicativos enumerados.

Em meio a essas mudanças, é importante destacar que, com a mudança do padrão físico do corpo feminino e o uso dos espartilhos e outros paramentos para tornar a silhueta longilínea, os corpos gordos e arredondados sofreram o que Vaquinhas (2012) denominou de dimorfismo:

O corpo feminino é marcado por um dimorfismo sexual acentuado, valorizando-se as formas arredondadas, os seios abundantes e as ancas largas que a cintura apertada pelo espartilho ainda mais realçava, impondo à figura feminina a silhueta em S, tão característica de finais do século XIX (VAQUINHAS, 2012, p. 248).

No século XX, as representações de corpo feminino sofreram muitas rupturas e transformações em relação aos momentos históricos anteriores. A partir do século XX, a mulher começa a ganhar visibilidade trabalhando fora do espaço doméstico – o que começou a se delinear ainda no século XIX – e a lutar por um espaço para si mesma. “O corpo feminino libertava-se lentamente dos seus constrangimentos, esboçando-se um novo ideal de beleza e de elegância femininas, tendendo a silhueta a estilizar-se e as formas a serem menos marcadas” (VAQUINHAS, 2012, p. 256).

Também é nessa época que o corpo passa ser visto pela perspectiva do bem-estar físico e moral tendo como parâmetro estético o ideal de beleza da Antiguidade Clássica (MARQUES, 2017). A expansão da indústria farmacêutica e cosmética, somada às pesquisas científicas e sanitárias, disseminou a ideia de magreza como sinônimo de saúde e, ainda mais, associou o corpo magro a status social, saúde, beleza e disciplina, ao mesmo tempo que relacionou o corpo gordo à pobreza, desleixo.

No decorrer do século XX, a imagem do que é saúde e do que é beleza sofre um deslocamento em relação a conceitos de períodos anteriores. A conquista de um corpo saudável e belo passa a ser entendida como um objetivo individual a ser atingido por meio de um exercício intencional de autocontrole, envolvendo força de vontade, restrição e vigilância constantes. [...] a obesidade passa a ser vista como um sinal tangível de falta de controle, impulsividade, auto-indulgência, enquanto que o corpo magro é um testemunho do poder da autodisciplina ((ANDRADE, 2003, p. 124).

Até meados do século XX, as estrelas de Hollywood, com corpos pequenos, proporcionais, curvilíneos e delicados, propagadas pelo cinema, constituem o ideal de beleza do corpo feminino e a *femme fatale* passa a se constituir em uma referência às mulheres, eram o grande arquétipo a ser seguido e imitado pelas mulheres: eram corpos saídos das mitologias nórdicas, e das mitologias mediterrâneas, virgens inocentes ou rebeldes, entre outras personificações que povoaram o imaginário.

Uma das estratégias do cinema era apresentar o corpo feminino como ideal de beleza, elegante, com medidas discretas e provocadoras, inocente e erotizado, ao mesmo tempo, conforme descrito a seguir: “Hollywood não para por aí. Não só lança novas estrelas de rebolado insinuante, e seios provocantes, mas procura um deus do amor [...]. Marilyn Monroe, nua sob o vestido vermelho, sexo devorador, rosto desinibido, [...]. (MORIN, 1989, p. 18).

A partir da década de 1960, os corpos emagrecidos começam a representar elegância e poder, e as curvas começam a desaparecer dando espaço a um corpo esguio e retilíneo. Nos anos 1970, corpos excessivamente magros aparecem como objeto de desejo. Na década de 1980, despontam tratamentos estéticos, intervenções cirúrgicas e dietas alimentares que tentam garantir o alcançado padrão de beleza. Na década de 1990, as supermodelos viram ideal de beleza com seus corpos inatingíveis (TAVARES; CASTRO, 2017, p. 108).

Esse novo perfil da mulher, esse novo olhar sobre o corpo feminino aliou-se às mudanças da época: um corpo que trabalhava, que buscava seus direitos, que buscava reconhecimento e, ainda mais, deveria ser elegante e bela, esteticamente.

Essa nova imagem ia de encontro à imagem dos corpos femininos degradados das mulheres operárias que trabalhavam nas fábricas do século XIX. A representação do corpo feminino, a partir de então, seguiria a busca por um padrão estético de beleza que não lembrasse a subalternidade das trabalhadoras fabris anteriores.

Segundo Salles (2017), as revistas femininas e a publicidade contribuíram especialmente na divulgação dessa nova mulher. O corpo feminino, a partir do início da década de 1920, definia-se com músculos adquiridos na prática do esporte que deixou de ser algo exclusivo do universo masculino.

Entretanto, de acordo com a pesquisadora, o que vai ditar o padrão ideal de mulher no século XX é a magreza, predicativo alardeado pelos quatro cantos do mundo como símbolo de vida saudável, de felicidade e de longevidade.

A gordura e o sobrepeso tornam-se os novos e principais inimigos da mulher do século XX. Não basta estar arrumada, maquiada e feliz a todo instante: ela tem que ser magra. De nada vai valer ter todos os atributos citados acima se for gorda, palavra que deixa de ser um adjetivo e passa a ser a pior forma de ofensa para uma mulher. É com esse discurso que percorremos todo o século XX: a busca do corpo perfeito, da magreza e da juventude infinita (SALLES, 2017, p. 36).

O questionamento sobre esse novo olhar só encontrou ruptura no final do século XX quando o corpo passa novamente a ser centro de discussão e a beleza passou a ser relativizada. Assim,

No final do século, beleza é cada vez mais plural, cada vez mais ela atende às exigências do mercado, é ele agora que define o que ou quem é belo. Na passagem do século XX para o XXI, o desenvolvimento da biotecnologia interfere no corpo e coloca novas questões éticas e estéticas para o campo da saúde. Ou seja, o corpo está no centro da discussão da questão ética aplicada à prática médica, e diferentes formas de percepção, utilização e meios de transformação do corpo estão sendo difundidos e realizados (FERREIRA, 2010, p. 198).

Em meio às variadas discussões sobre o corpo e suas representações (social, cultural, estético, político e econômico), o movimento *Body Positive* surge como um pensamento ou modo de estar na sociedade que vai de encontro a toda padronização do corpo feminino que vigeu na sociedade até então. Esse movimento nasce nos Estados Unidos, no final da década de 1990, entretanto, no Brasil só surgiu quase duas décadas depois, com a publicação do livro *Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário* da jornalista Alexandra Gurgel.

3 O CORPO FEMININO *PLUS SIZE*: REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO NÃO-PADRÃO

Na seção anterior foi elaborada uma retrospectiva sobre as representações sofridas pelo corpo ao longo da história. Obviamente que tal retrospectiva não ambicionou tratar de todos os temas e todas as possibilidades de análise, mas tão somente, situar a abordagem da qual trata esse artigo.

Nesse intento e, a partir dos recortes apresentados, é possível afirmar que as representações sobre o corpo humano nem sempre seguiram uma mesma perspectiva sendo ora apresentado como ideal de beleza e força, ora como propósito de ascensão espiritual, entre outros olhares. No âmbito do corpo feminino, este sofreu

representações diversas: da invisibilidade social na antiguidade clássica à receptáculo do demônio na Idade Medieval; de instrumento dos deuses pagãos a guardião da fé cristã. São várias as representações assim como são várias as perspectivas de análise.

Nessa perspectiva, cumpre essa seção de tratar do corpo gordo como uma das representações do corpo feminino não padrão, haja vista que, desde os anos finais do séc. XIX, passou-se a divulgar a silhueta magra e esguia como parâmetro de beleza, saúde e status.

Embora o título dessa seção traga a expressão *plus size*, o texto trata e utiliza o vocábulo “gordo” e suas variações de gênero e número. O uso da expressão em questão se justifica pela representação que tem na história recente ao dar visibilidade ao corpo gordo em uma área tão restrita da sociedade que é o mundo da moda, da mídia e da comunicação.

Porém, enquanto representação do corpo feminino historicamente e socialmente, esse artigo usa as palavras gordo e gorda porque é assim que se deve buscar desconstruir os estereótipos cristalizados na sociedade. Desse modo, segue a mesma perspectiva de Marques (2017, p. 21) quando afirma que “[...] o fato das pessoas não utilizarem desse adjetivo acarreta a negação da existência de pessoas que se encaixam dentro do paradigma, provocando assim a falta de representatividade gorda na grande mídia.

De acordo com Sant’anna (2013, p. 12), a expressão *plus size* é de origem inglesa e faz referência “[...] àqueles que usam tamanhos de roupa maiores dos que habitualmente são oferecidos pelas empresas de confecção e marcas de moda”, sendo usada no Brasil como um eufemismo para a moda para pessoas gordas, equivalendo na cultura nacional à “moda para gordinhas”, ou “moda para cheinhas.

Enfim, o que se pode compreender nesta abordagem inicial é que até o advento da chamada moda *plus size*, o corpo gordo, relegado ao estereótipo, ora apresentava-se invisível ora era objeto de discursos estigmatizadores, especialmente, em um cenário em que o padrão estético dominante ainda se circunscrevia ao corpo magro, esbelto e esguio.

A expressão, que surgiu na década de 1970, colocou na pauta dos veículos de comunicação de massa temas que tratavam da moda para um público que apresentava dimensões corporais maiores que o padrão idealizado. Assim, foi a partir do próprio mercado da moda que se viu nascer um novo olhar sobre o corpo feminino: o corpo gordo, com sobrepeso ou obeso, que se apresentava, não mais como padrão de beleza dominante – a exemplo da Renascença –, mas sim como um corpo valorizado que traz em si as marcas das trajetórias pessoais de seus modelos.

Foi esse corpo acima do peso que passou a imprimir, aos poucos, a autoestima e a identidade em época contemporânea, a exemplo do evento *Full Figure Fashion Week*, em Nova York do concurso Miss Brasil *plus size*. Porém, essa mesma época ainda se vê envolta no preconceito e na aversão contra mulheres com peso acima da média (SANT’ANNA, 2013).

Em vista do exposto, é fundamental entender como se delinea o contexto cultural da sociedade brasileira quanto ao aspecto da estética e da beleza corporal e qual a representação que se tem do corpo feminino nesse aspecto: De acordo com Sant’anna (2013),

O arquétipo de beleza feminina atual, incentivado pelos meios de comunicação de massa, é extremamente limitador: para ser bonita é necessário ser jovem, magra, alta e com pele e olhos claros, assim como ter cabelos também claros e lisos. Este padrão é amplamente

adotado no Brasil, apesar de ignorar a diversidade racial e cultural brasileiras. Altamente excludente, é tratado como único modelo a ser seguido se a mulher quiser obter respeito social e sucesso profissional. (SANT'ANNA, 2013, p. 18).

Como se percebe, na contemporaneidade, ainda resiste um ideal de beleza que exclui todos aqueles que neles não se enquadram e, assim como em sociedades anteriores, aprisiona o corpo feminino a um padrão estabelecido, de comportamento e de estar no mundo, tornando-se um símbolo do *self*, explicitado por Le Breton (2008), como a interioridade do sujeito em um constante esforço de exterioridade que tende a reduzir a sua superfície. Ou seja, o padrão corporal estabelecido passou a ser visto como um elemento de aceitação e de visibilidade social, ao mesmo tempo que aflorou e se consolidou uma nova pauta da discussão em estudo: a gordofobia.

De acordo com Vaz et al (2018), o neologismo “gordofobia” significa, em sentido restrito, aversão à gordura. “Uma aversão que se manifesta, por um lado, no desprezo direcionado às pessoas consideradas gordas; por outro lado, se traduz pelo sentimento de pavor que os sujeitos contemporâneos possuem de engordar [...]” (VAZ et al, 2018, p. 100).

De maneira mais enfática, Soares (2017) expõe com mais detalhes o que vem a ser a gordofobia. Segundo a pesquisadora, a gordofobia trata-se de uma ferramenta de desumanização da pessoa gorda que perdeu caráter humano por meio da violência verbal, dos gestos e dos demais comportamentos agressivos e discriminatórios. Exemplo disso são as comparações com animais como baleia, porco, elefante; o olhar debochado ou de asco; os comentários preconceituosos; os discursos de ódio e; as avaliações depreciativas sobre alguém ou a diminuição do status social em decorrência do corpo gordo.

É em meio a essa profusão de situações e, na contramão do processo de busca por satisfazer um padrão ideal de estética corporal, que surge o Movimento *Body Positive*.

3.1 Movimento *body positive* e Alexandra Gurgel

Alexandra Gurgel, por meio de seu canal *on line* no YouTube, cognominado de “Alexandrismos”, trata de uma diversidade de temas marcadamente contemporâneos, entre eles: *body positive*, amor-próprio, gordofobia, autoestima, cabelo, saúde física e mental, alteridade, relacionamentos, preconceito e empoderamento feminino. Todos os temas envolvem padrões estéticos femininos estigmatizadores pincelados por narrativas de experiências pessoais do próprio cotidiano da *influencer*.

Nos vídeos, Alexandra discute assuntos que fazem parte não só do universo da pessoa gorda, mas do ser humano como um todo, opinando sobre notícias veiculadas nos meios de comunicação de massa e que tenham a ver com mulheres, autoestima, corpo e saúde.

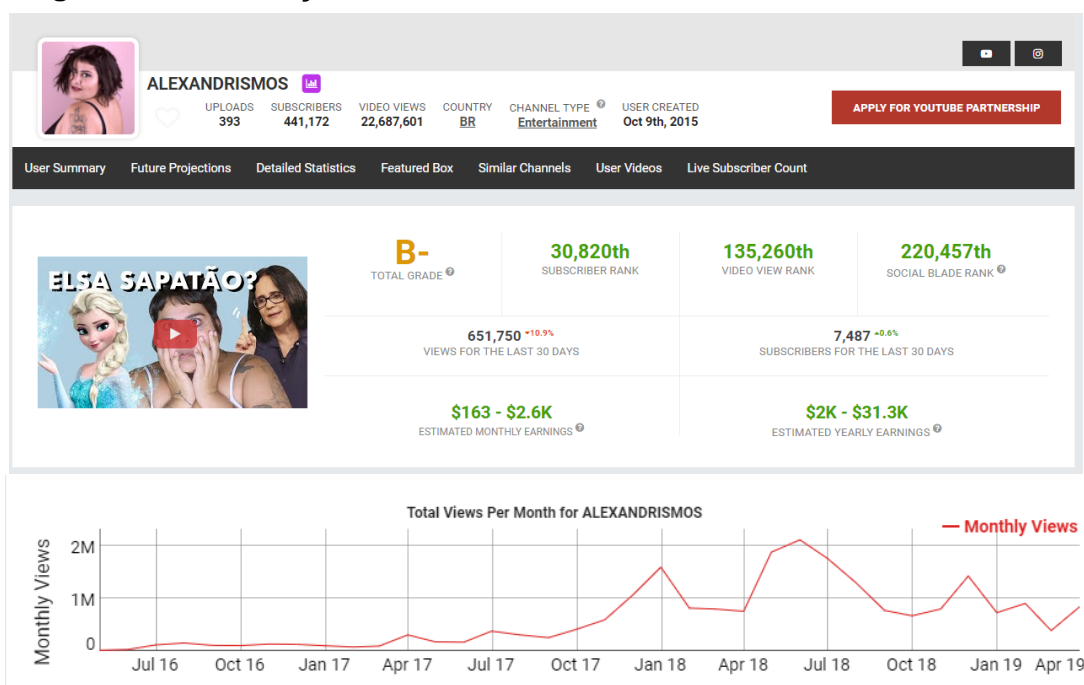
Em suas discussões e reflexões, Alexandra se coloca em primeira pessoa nos debates, fazendo, em boa parte das discussões, uma ponte entre sua experiência pessoal e os temas apresentados, especialmente em questões que envolvem a quebra de padrão de beleza, construção social corpo e tudo que envolve o fato de ser gorda na sociedade. É interessante destacar que, ao permear as reflexões com narrativas autobiográficas, o canal “Alexandrismos” assume para si o papel de suporte para veicular mensagens de autoajuda.

Em seu canal, Alexandra Gurgel teve o cuidado de selecionar os temas em blocos de discussão ou *playlists*. Entre eles, destaca-se o bloco “E ai, Xanda?”, a jornalista tece comentários sobre notícias que tratam de terceiros, mas que, de alguma forma, envolvem temas relacionados à proposta do canal. Em “*Girl power: empoderamento feminino*”, os vídeos tratam de relacionamentos, discussão de gênero, sexo, invisibilidade feminina e direitos, liberdade e amor próprio, de forma mais abrangente, haja vista que o foco aqui é a mulher. Essa discussão se estende às *playlists* “Relacionamentos: sexo, amor e amizades” e “Maratona do amor próprio”.

Entretanto, é em “*Body positive: autoimagem, autoestima e amor-próprio*”, que Alexandra Gurgel se apresenta como a mais atuante ativista do movimento. Nos vídeos, ela apresenta dicas sobre autoestima, reflexões sobre a dicotomia magreza e gordura e conselhos sobre o cultivo do amor-próprio e sobre superação. Seguindo essa mesma perspectiva, a *youtuber* enfatiza seu ponto de vista sobre gordofobia, quebra de padrão de beleza e construção social do corpo valorizado em sua natureza, no bloco “Eu, gorda: corpo e quebra de padrão de beleza”.

De acordo com o site socialblade.com, o canal “Alexandrismos” apresenta uma média de 600 mil visualizações mensais, tendo apresentado no mês de abril 651,750 visualizações. Esse dado revela a procura pelos temas apresentados e a aceitação da discussão empreendida por Alexandra Gurgel; fato compreendido por Sanchoatene (2018), como de recente atenção, especialmente, por haver um empenho e interesse por parte dos indivíduos que compõem a sociedade contemporânea em ter acesso a testemunhos e relatos de experiências de sofrimento, de discriminação e de superação, especialmente quanto a temas que envolvem o corpo, padrão de beleza e gordofobia.

Figura 1 – Visualizações de Alexandrismos, abril 2019



Fonte: socialblade.com, 2019

Levando em conta os resultados apresentados pelo site socialblade.com, é possível notar que a ascensão do canal “Alexandrismos” se intensificou a partir do ano de 2018, talvez porque o interesse por temas como autoestima, empoderamento

feminino e *body positive*, geralmente presentes nas discussões do canal, tenham se intensificado mais recentemente no meio digital e nas mídias de interação social.

Dois fatos, em particular, podem ter influenciado essa busca pelo canal “Alexandrisimos” a partir de 2018: uma reportagem feita pelo canal de televisão BBC sobre “gordofobia”, em dezembro de 2017, em que Alexandra Gurgel debate o tema e; a repercussão que teve um comentário feito pelo humorista Danilo Gentili logo depois. Nesse comentário Gentili faz piada a respeito da ativista afirmando que comera mais que Alexandra e insinuando que a jornalista era doente de chatice.

Figura 2 – Reprodução de piada feita por Danilo Gentili



Fonte:
<https://twitter.com/danilogentili/Acesso>
 em 16 de maio de 2019

Mediante o que foi exposto, é possível perceber que o corpo sempre foi tema em diversas perspectivas da sociedade, sempre foi objeto de diversos olhares, despertando o interesse e o debate, mesmo quando se expõe opiniões controversas, ideias preconceituosas e discurso estigmatizante, ilustrados anteriormente. Exemplo disso é a própria bibliografia tratada nesse estudo e demais pesquisas e obras não referendadas nessa pesquisa, tais como: O tabu do corpo, de José Carlos Rodrigues; A história da beleza, de Umberto Eco ou O mito da beleza, de Naomi Wolf, entre outros.

Alexandra Gurgel, por sua vez, é apresentada por Souza e Azevedo (2018), a partir de sua característica física mais impactante dentro do universo estético padronizado das mídias digitais. Essa estratégia de apresentação cria um estranhamento para seguir com uma descrição da ativista e a sua representação social:

Os vídeos que ela disponibiliza abordam a realidade de uma jovem, mulher, gorda e feminista, tentando trazer e explicar a relação entre o empoderamento feminino, o amor próprio e as relações sociais.

Alexandra utiliza da imagem para provocar uma mudança social, já que é a forma mais eficaz de comunicação. Além disso, contribui para a formação de identidade de outras pessoas que se assemelham a ela, seja na vida ou nos pensamentos, assim como as outras influenciadoras digitais fazem (SOUZA; AZEVEDO, 2018, p. 5).

Sobre o discurso veiculado na mídia digital Santos e Sanchotene (2017, p. 7) elaboram uma crítica sobre o modelo de autoajuda optado pela jornalista:

Alexandra Gurgel descreve empoderamento como uma consciência sobre si mesma e sobre a sociedade que leva à conquista de liberdade. Esta liberdade estaria relacionada a decisões do âmbito privado como orientação sexual, maternidade, aparência física, escolhas profissionais, etc. Tornar-se empoderada, de acordo com a blogueira, é “você sair na rua do jeito que você quiser, você usar a roupa que você quiser, você amar quem você quiser, você comer o que você quiser, você ter a profissão que você quiser”.

Autora do livro *Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário*, Alexandra Gurgel apresenta o Movimento *Body Positive* como um movimento social que busca a “[...] equidade entre as várias formas de existência dos corpos, afim de que todos sejam tratados na mesma maneira e com os mesmos direitos, independente de tamanho, peso, cor, marcas, limitações, etc” (FONSECA, 2018, p. 12). De acordo com Gurgel (2019), esse é um movimento social que tem como premissa a positividade da imagem corporal que cada ser humano deve ter de si mesmo e das demais pessoas.

Segundo Fonseca (2018), o movimento *Body Positive* (Positividade Corporal) nasceu no final da década de 1990, nos Estados Unidos, e possui dois papéis: um individual, que se propõe a colaborar para que cada pessoa viva seu processo de autoaceitação das características e histórias particulares de cada sujeito e; um social, que trata do direito de acesso aos espaços sociais e de representatividade. Sobre o primeiro papel, Alexandra Gurgel se apresenta no livro “Pare de se odiar” como uma mulher que se odiou por 26 anos, palavras da própria personagem:

Eu me odiei por 26 anos. Aprendi desde a infância a me odiar. Quando eu comecei a aprender a falar, já sabia dizer palavras como “bonita” e “feia”. E não demorou muito para eu entender que ser gorda significava que eu era feia e precisava emagrecer para ficar bonita. Foi realmente bem cedo que isso rolou (GURGEL, 2018, p. 15).

Nas primeiras páginas de seu livro, Gurgel (2018) fala de todo o processo pelo qual passou para atingir a aceitação do seu corpo e, conseqüentemente de si mesmo como pessoa. A escritora cita momentos de sua infância que já denunciavam o processo de exclusão que passaria por não apresentar o corpo adequado. Desde a primeira ida ao endocrinologista, o uso de roupas de adultos até o bullying, - sofrido e praticado:

Eu sempre fui gorda. Aos 9 anos de idade conheci o meu primeiro endocrinologista, afinal ser gorda nessa idade já passava do “ai que bonitinho” para “temos um problema”. Então, para mim, eu era de fato um problema. [...] Sempre falo que sofri bullying na escola, mas durou muito pouco tempo. Nos primeiros atos de bullying contra mim eu rapidamente descobri como evitá-los: praticando o mesmo. Assim, me

tornei uma adolescente que “zoava” a si mesma, num processo autodepreciativo; e aos outros, para evitar qualquer tipo de ataque (GURGEL, 2018, p. 15).

Percebe-se já nesse momento que o discurso de Gurgel (2018) não se limita apenas à questão da beleza estética, mas também a outras dimensões sociais, inclusive a própria rejeição do grupo social do qual fazia parte e de si mesma. Trata, ainda, de temas conflitantes como depressão, medicação, pressão, intervenções cirúrgicas, rejeição e suicídio.

Cheguei ao fundo do poço e me senti confortável ali dentro, sabe? E, assim, voltei para a internet, dessa vez para pesquisar formas fáceis de morrer. Ter chegado a esse buraco parecia um caminho sem volta, o meu destino, e desde então acabar com a minha vida se tornou algo que era apenas questão de tempo. [...] Eu estava com 17 anos, foi uma época difícil, complicada, com muitos problemas familiares, e eu tive um episódio de tentativa de suicídio, mas obviamente não deu em nada (GURGEL, 2018, p. 18-19).

O relato transcrito do livro escrito por Alexandra Gurgel (2018) ilustra a *via crucis* pela qual muitas mulheres percorrem até alcançarem a aceitação do seu próprio corpo. É nesse aspecto que a imagem e as experiências pessoais colaboram para que o outro possa se encontrar e possa se perceber. Não como vítima, não é essa a finalidade, mas como sujeito ativo no combate aos preconceitos e discriminações advindos da gordofobia.

O segundo momento do *Body Positive* trata da discussão e reflexão a respeito do papel social, do direito de acesso aos espaços sociais e de representatividade. E, nesse aspecto Alexandra Gurgel surge como uma das personagens mais emblemáticas da contemporaneidade brasileira em relação ao tema, expressando nas linhas de seu livro o quanto é consciente da ausência de representação de pessoas como ela no seio social, na mídia e em demais canais: “[...] isso se agravava com a falta de pessoas como eu ao meu redor, na televisão, nos desenhos, em todos os lugares” (GURGEL, 2018, p. 16).

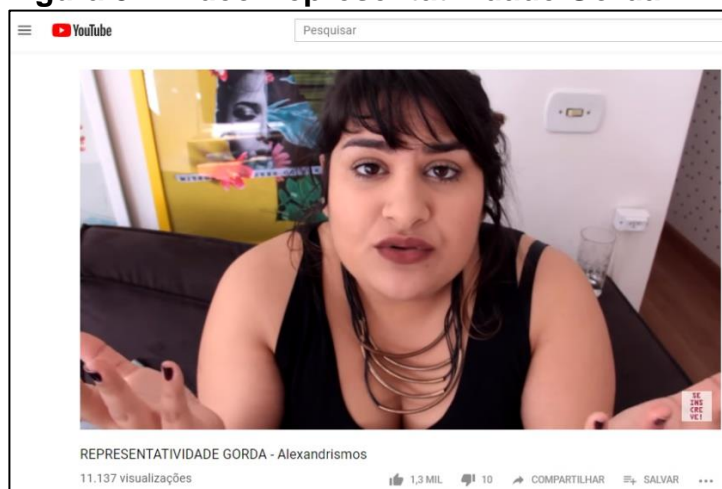
Sobre esse aspecto Gurgel (2019) explicita o tema no vídeo “Representatividade Gorda”, em seu canal do YouTube denominado Alexandrismos. Segundo a jornalista, falta na sociedade uma representação consistente do corpo gordo, não só no Brasil, mas em outras sociedades. Para ilustrar seu pensamento, cita a ausência de pessoas gordas não estereotipadas nas mídias televisivas ou as princesas gordas no universo de princesas da Disney.

Lembra da importância da representatividade das minorias enquanto visibilidade, oportunidades e direitos. Sobre isso, são pertinentes as palavras de Abrantes (2007, p. 5) quando disserta sobre a busca pela representatividade da mulher gorda em uma sociedade que veicula um padrão de beleza associado ao corpo esbelto:

Observo, a partir de minha própria experiência, que são os corpos gordos ou, mais propriamente, das mulheres gordas, os corpos/identidade que potencialmente têm desafiado nesses meios os discursos antes uníssomos que associam beleza e saúde a magreza e definição muscular.

Ainda sobre o vídeo “Representatividade Gorda” em associação às palavras de Abrantes (2007), é possível afirmar que Alexandra Gurgel, por meio de suas narrativas de experiências pessoais, faz emergir essas identidades que desafiam os discursos homogêneos e discriminatórios ao discutir abertamente, e com convicção, questões de opressão e de exclusão, ao mesmo tempo que discute assuntos que envolvem alteridade, empoderamento, relacionamentos, suicídio, medo, amor, escolhas e liberdade.

Figura 3 – Video Representatividade Gorda



Fonte: YouTube, 2019

Alexandra Gurgel não é apenas uma escritora, mais que isso, é uma ativista e modelo dessa nova representação do corpo feminino: não idealizado, não padronizado, não modelado, não perfeito, mas amado e aceito. Talvez isso explique os 323 mil seguidores do perfil @alexandrismos, no Instagram e os 434.948 inscritos no YouTube, que comanda desde 2015 (SILVA, 2018, p. 34).

Figura 4 – Foto de Alexandra Gurgel



Fonte: Instagram, 2019

De acordo com Vaz et al (2018), um dos temas refletidos por Alexandra Gurgel é o empoderamento, que para a influenciadora digital só se concretiza a partir do momento que o ser humano adquire uma consciência sobre si mesmo e sobre a sociedade, tornando-se responsável por sua liberdade.

Desse modo, para Alexandra, uma mulher empoderada, é uma mulher livre para ser o que seja, livre para vestir-se como quer, amar quem quiser, desejar e conquistar quiser. Entretanto, Vaz et al (2018) chama a atenção para o fato que, esse mesmo empoderamento denuncia o desejo da mulher em afirmar sua identidade num lugar de visibilidade que é, na maioria das vezes, o espaço público.

Enfim, Vaz et al (2028) destacam que, enquanto representação social, o corpo feminino gordo apresenta três aspectos que se destacam nas narrativas e reflexões de Alexandra Gurgel: a publicidade do sofrimento físico e psicológico pelos quais passou; a denúncia de preconceito, de bullying, de rejeição e de gordofobia na sociedade e; o testemunho em primeira pessoa, da história de vida sob a perspectiva da vítima, reforçando a autenticidade de quem narra.

Para os pesquisadores, como se percebe, a representação do corpo feminino *plus size* traduz um complexo conjunto de diversos saberes e experiências, de histórias singulares e, ao mesmo tempo, plurais; um conjunto formado por identidades, reflexos, marcas e empoderamento.

Essa perspectiva é compartilhada por Santos e Sanchotene (2017) quando afirmam que a narrativa de mulheres que dizem ter sido vítimas de preconceito e gordofobia na mídia é resultado do antagonismo existente entre dois imperativos morais contemporâneos: o padrão socialmente aceito, o ser magro, esbelto e saudável versus o não padrão, o autêntico, a aceitação do próprio corpo.

Na contemporaneidade, o corpo feminino multiplica representações diversas, em lutas diversas, em histórias que se alternam, que se imbricam e se laceram, criando uma nova narrativa, como bem versa Abrantes (2017, p. 11), “[...] o corpo é texto escrito pela cultura, e o modo de erodir esse texto-padrão não é outro, se não inventando um texto novo”.

E, em meio a essa dinâmica e alternâncias, o corpo feminino *plus size*, alçado à categoria de *body positive*, ensaia passos para a visibilidade. Alexandra Gurgel representa, historicamente e socialmente, o ícone dessa mudança, desse novo olhar; da invisibilidade à representatividade e, como bem afirma Gurgel (2018), o corpo gordo feminino lança-se em direção ao ato mais revolucionário deste século: ser amado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral compreender a base histórica que permitiu a atual concepção do corpo feminino *plus size* como representação social. Para tanto, elegeu como personagem a jornalista e ativista social Alexandra Gurgel que, além de ser influenciadora digital em seu *videoblogger* do YouTube “Alexandrismos”, possui uma página no Instagram e escreveu um livro que trata de experiências pessoais com temas voltados ao movimento *body positive*.

Para proceder à contextualização temática, a pesquisa iniciou por um recorte histórico sobre a compreensão do corpo dentro da sociedade. Esse primeiro momento foi importante para a pretensão do estudo, haja vista que era preciso delimitar a linha histórica que se desenvolveria o texto. É importante destacar que existem muitos

estudos e pesquisas que versam sobre o corpo, daí a necessidade de fazer esse recorte, pois o corpo humano já foi tema de estudos da arte, da literatura, das ciências médicas, da sociologia, da filosofia, da religião e, assim por diante.

Em vista dessa percepção inicial, a pesquisa delineou uma base histórica da antiguidade até o momento atual para situar a direção que o texto tomaria nas seções seguintes. Dito isso, os resultados foram importantes para a compreensão do objetivo que buscava identificar as representações do corpo feminino no decorrer da História.

A pesquisa demonstrou que o corpo feminino, em boa parte da história humana, foi relegado à condição de reprodutor: na Antiguidade Clássica, em algumas sociedades, as mulheres gestavam os futuros homens, que presidiam e lutavam por seus povos; na Idade Média, os corpos femininos, símbolos e lembranças do “pecado original” foi compreendido como receptáculo do mal e da tentação, para depois ser redimido na fé cristã pela missão da maternidade; Na Renascença, persevera o ideal de maternidade, as formas redondas e abastadas são padrão e símbolo de status, em uma época que a comida e a boa mesa era um dos critérios que dividiam as classes sociais.

O estudo mostrou que a representação do corpo feminino se dissocia do papel social da maternidade, efetivamente, a partir do séc. XX, quando a mulher começa a ter visibilidade nos espaços públicos, especialmente no trabalho e, mais à frente, no cinema e na moda. É a partir de então que o esporte aliado aos avanços médicos vai disseminar o ideal de corpo saudável, praticante de atividades físicas, belo e esbelto. A indústria da moda e da estética junto com as mídias comunicativas, especialmente revistas e televisão, alavancaram a ideia de magreza como ideal a ser obtido.

Todo esse cenário permitiu a discussão sobre a representação contemporânea do corpo feminino gordo nos relatos de Alexandra Gurgel e do movimento *body positive*. A pesquisa informou que a expressão *plus size* é uma designação retirada do mundo da moda para o tamanho das roupas produzidas para o público com corpo avantajado. Mais que isso, a pesquisa demonstrou que ao tratar o corpo gordo pelo designativo *plus size*, na realidade se está maquiando o próprio preconceito que existe na sociedade sobre esse corpo. Foi, portanto, a partir dessa observação que o estudo tratou de usar a palavra gordo e gorda.

Enfim, o estudo sobre a personagem Alexandra Gurgel demonstrou que ainda há muito preconceito e invisibilidade do corpo feminino na sociedade contemporânea, exemplo disso é o que a própria jornalista expõe em seu livro e as reflexões que promove em seus vídeos. Além disso, o próprio fato de, hoje, ela ser ativista social do movimento *body positive* no Brasil já é um indício de que a representatividade de pessoas com corpo gordo precisa ser enfatizada.

Os resultados obtidos também permitiram afirmar que na época contemporânea o corpo feminino gordo é a própria representação da força feminina, do embate histórico da mulher enquanto sujeito histórico, social e cultural. Pode-se, inclusive, concluir que o corpo feminino gordo na atualidade encontra em Alexandra Gurgel a sua representatividade, pois a sua produção e suas reflexões refletem valores que vão além do conceito de beleza, gordura e magreza.

O corpo, sob a perspectiva das reflexões de Gurgel (2018; 2019) é a representação de tudo que um ser humano é, sua história, seus embates, sua aflição, seus vazios, suas experiências, sua liberdade e suas marcas. Alexandra Gurgel permite afirmar que, no fim de tudo, o corpo é apenas um: aquele que deve ser amado e respeitado em todas as dimensões e perspectivas já estudadas

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Alômia. “É com ele que eu vou”: mulheres gordas e ativismo da aceitação corporal em rede. **Seminário Internacional Fazendo Gênero** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino: algumas representações no Brasil do Século XX. **Revista Movimento**, v. 9, n. 1, p. 119-143, Porto Alegre, janeiro/abril de 2003.

ARASSE, Daniel. A carne, a graça, o sublime. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: da Renascença às Luzes. Vol. 1. 2. Ed. Tradução Lúcia M. E. Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**; 23 (1): 24-34, 2011.

BITTENCOURT, João Batista de Menezes; FRANCH, Mônica. Em carne e osso: apresentação do dossiê “O corpo na pesquisa social”. **Revista Política e Trabalho**. Vol. 1, Ano 34, n. 47. João Pessoa, 2017. Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

BOCARDI, Maria Inês Brandão. **Gravidez na adolescência**: o parto enquanto espaço de medo. São Paulo: Arte e ciência, 2003.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. Vol. 3. 2. Ed. Tradução Lúcia M. E. Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar / O século XX. Vol. 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. O espelho da alma. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: da Renascença às Luzes. Vol. 1. 2. Ed. Tradução Lúcia M. E. Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FERREIRA, Francisco Romão. Corpo feminino e beleza no século XX. **Revista Alceu**. v.11 n.21, jul./dez. 2010.

FERREIRA, Eleanor Stange. **Trabalho infantil**: história e situação atual. Canoas: Ulbra, 2001.

FONSECA, Marilda de. **Um corpo é um corpo**: discursos e narrativas do movimento body positive. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2018. 65 p. (Trabalho de Conclusão de Curso)

GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o sagrado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: da Renascença às Luzes. Vol. 1. 2. Ed. Tradução Lúcia M. E. Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GURGEL, Alexandra. **Body positive**: o que é o movimento + 4 dicas para se amar! Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=iR9SYM3smOI&t=>. Acesso em: 26 mar. 2019.

_____. **Representatividade Gorda**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N5Nz085_TLk=>. Acesso em: 26 mar. 2019.

_____. **Pare de se odiar**: Porque amar o próprio corpo é um ato evolucionário. Rio de Janeiro: Best Seler, 2018.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. 3. ed. São Paulo: Papirus 2008.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. tradução Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MARQUES, Beatriz Felício. **A sensualidade vestimentar como mecanismo de empoderamento da mulher gorda**: um estudo exploratório da blogueira Nadia Aboulhosn. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017. 50 p. (Trabalho de Conclusão de Curso)

MORIN, Edgar. **As estrelas**: mito e sedução no cinema. Tradução Luciano Trigo. Rio de Janeiro: José Olympica, 1989.

SALLES, Bruna. **O oposto do osso**: relações do corpo social da mulher gorda. São Paulo: USP, 2017. 50 p. (Trabalho de Conclusão de Curso)

SANT'ANNA, Maria Cristina dos Passos. **Uma abordagem para a moda plus size no mercado de luxo**. São Paulo: Instituto Europeo Di Design, 2013.

SANTOS, Amanda; SANCHOTENE, Nicole. Gorda, Sim! Maravilhosa, Também!: do ressentimento à autoestima em testemunhos de vítimas de gordofobia no YouTube. **Intercom**: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, PR. 04 a 09/09/2017.

SANCHOTENE, Nicole. **A verdade do corpo autêntico**: da boa forma ao empoderamento em narrativas autobiográficas no YouTube. Rio de Janeiro, 2018. 139 p. (Dissertação de Mestrado)

SENNET, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, Luisa Alcantara e. Eu me aceito: Alexandra Gurgel. **Revista Gol**. Nº 199, outubro de 2018.

SILVA, Lucimar Aparecida. **Representação do corpo feminino na moda Plus Size no Brasil**: um olhar multimodal em capas de revista na versão online. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa, 2015. 152 p. (Dissertação de Mestrado)

SOARES, Yan Diniz Teles. Corpos transgressores: a resistência no vestir de mulheres gordas do Instagram. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017. 70 p. (Trabalho de Conclusão de Curso)

TAVARES, Hellen O.; CASTRO, Ana Lúcia de. Discurso e poder: a prescrição do controle corporal em blogs plus size. **Revista de Ciências Sociais**, nº 47, Junho/Dezembro de 2017, p. 97-119.

VAQUINHAS, Irene. Quando a gordura começou a deixar de ser formosura... os caminhos de um novo paradigma estético nos finais do século XIX - inícios do século XX. **Revista de História das Ideias**, Vol. 33. 2012.

VAZ, Paulo; SANCHOTENE, Nicole; SANTOS, Amanda. Gordas, sim! Maravilhosa, também! corpo, desejo e autenticidade em testemunhos de vítimas de gordofobia no YouTube. **Lumina**: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação. Juiz de Fora: PPGCOM / UFJF, v. 12, n. 2, p. 99-117, mai./ago. 2018.